

Jean Valéry Vital-Herne

Coordenador do Desafio MIQUEIAS no Haiti

Port-au-Prince

19 dias depois do mortal terramoto que devastou o Haiti, a população local continua a viver uma situação de extrema dificuldade. Não houve um único sector social que tenha escapado da tragédia. Na primeira semana depois do sismo fiz uma visita a algumas zonas afectadas fora da capital. Petion Ville, a cidade mais afluente no país, ficou reduzida a um monte de destroços. Muitos dos edifícios onde estavam sediadas as principais empresas ficaram completamente destruídos. O cheiro dos mortos sente-se quando respiramos o ar empurrado pelo vento. Eu pensava que tinha a noção do impacto provocado pelo terramoto, mas fiquei impressionado quando cheguei a Delmas, no sul de Petion Ville. Apenas existe uma estrada principal com aspecto de cemitério. No entanto nada se pode comparar com a onda de devastação que assolou Port-au-Prince, Leogane, Petit Goave and Jacmel. No Domingo estive num culto realizado por uma Igreja num dos maiores campos de refugiados que se encontra na baixa de Port-au-Prince. Estas imagens passaram nas principais televisões em todo o mundo. Confesso que nunca tinha visto pessoas nas condições em que encontrei homens, mulheres e crianças naquele campo de deslocados. A forma de vida que conhecíamos foi radicalmente alterada. De acordo com o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação dos Assuntos Relacionados com Ajuda Humanitária (OCHA), as estatísticas são esclarecedoras:

- 3 milhões de pessoas foram directamente afectadas pelo terramoto;
- 2 milhões de pessoas carecem de assistência alimentar;
- 800 mil a 1 milhão de pessoas são deslocados;
- 196.595 pessoas estão feridas;
- 112.405 morreram.

Estes dados não representam apenas números, mas homens, mulheres e crianças que se encontram completamente vulneráveis. 54% dos haitianos vivia com menos de 1 dólar por dia, antes da tragédia assolar o país.

O terramoto acabou por colocar um foco ainda maior sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, desde que o país entrou no colapso e a população ficou ainda mais vulnerável.

Muitos negócios acabaram.

9.000 escolas foram destruídas.

Um número incontável de estudantes e professores universitários estão entre as muitas vítimas mortais.

Casos de violência praticada sobre mulheres não param de aumentar.

Há ameaças de epidemias.

A Igreja foi tremenda afectada. Muitos líderes cristãos morreram e um número significativo de edifícios religiosos foi destruído. O Desafio MIQUEIAS no Haiti continua a fazer contactos com líderes das igrejas nas zonas afectadas, de forma a fazer um diagnóstico correcto das perdas que ocorreram na comunidade evangélica.

Entre outras histórias devastadoras, vi um orfanato em Leogane que ficou totalmente destruído. As 65 crianças que sobreviveram estão a viver num campo de deslocados. Esta é apenas uma pequena imagem de muitas situações semelhantes que muitas das crianças haitianas estão a enfrentar.

Enquanto perspectivamos a melhor forma de realizarmos um trabalho de advocacia, estamos a ajudar as ONG a alcançarem as comunidades mais vulneráveis, como orfanatos ou campos de deslocados que não recebem ajuda humanitária. Estamos a auxiliar dois orfanatos a manterem o contacto com o “Haiti Hospital Appeal”, situado no Norte do país. Mais de 110 crianças passaram a receber comida, água, roupas e cuidados médicos.

Na história do Haiti, mais do que em qualquer outra época, a Igreja precisa de trazer uma mensagem holística, com práticas de boa governação e prestação de contas que se traduzam na efectiva reconstrução do país que está a ser planeada pelas entidades que restam do governo e pela comunidade internacional.

O Desafio MIQUEIAS no Haiti e toda a comunidade cristã espalhada pelo mundo podem ser actores preponderantes em todo este processo de mudança.